

APROXIMAÇÃO DE FRONTEIRAS: DISCUSSÃO SOBRE TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA NAS PERSPECTIVAS DE RÜSEN E DROYSEN*

*APPROACH OF BORDERS: DISCUSSION ON THE THEORY OF HISTORY AND
HISTORIOGRAPHY IN PERSPECTIVE OF RÜSEN AND DROYSEN*

Wilson de Sousa Gomes³⁵
berimbau2005@hotmail.com

“O poeta cria seu mundo arbitrariamente, de acordo com a sua ideia, e por isso pode apresentá-lo de maneira perfeita e acabada; o historiador está limitado, porque lhe é preciso construir o seu mundo de maneira a que se adaptem a ele todos os fragmentos que a história nos trouxe. Assim, não poderá nunca criar uma obra perfeita, transportará sempre as marcas visíveis do esforço das investigações, da recolha e da reunião dos factos. Goethes Gespraech. (Gespranch mit H. Luden)”³⁶

RESUMO: Este trabalho parte das definições de Johann Gustav Droysen e Jörn Rüsen. Desse modo, apresenta algumas concepções sobre a teoria da história e a historiografia. Ancorando-se na exploração bibliográfica e buscando desenvolver uma discussão que entenda “as teorias” da história dos historiadores citados. Desenvolvendo o esforço de narrar conceitos e definições trabalhadas pelos dois alemães em suas produções, há o intuito de contribuir com o debate acerca do entendimento e compreensão das teorias desenvolvidas ou defendidas pelos historiadores Droysen e Rüsen.

PALAVRAS CHAVE: História; Teoria da História; Johann Gustav Droysen; Jörn Rüsen.

ABSTRACT: This work is based on the definitions of Johann Gustav Droysen and Jörn Rüsen. Thus, presents some views on the theory of history and historiography. Anchoring in the exploration literature and seeking to develop a discussion that considers "theories" of history by historians cited. Developing the effort to narrate concepts and definitions worked by two Germans in their productions, there is the intention to contribute to the debate about the understanding and comprehension of the theories developed or championed by historians and Droysen and Rüsen.

KEYWORDS: History. Theory of History; Johann Gustav Droysen; Jörn Rüsen.

* Parte deste texto fora apresentado em forma de Palestra no Ciclo de Seminário de Teoria da História, promovido pelo Grupo de Estudos em Teoria da História e Historiografia (GETH) da UEG UnU Jussara na data de: 28/04/2012. Nota de leitura enviada em 21/08/2012 e aceita em 17/12/2012.

³⁵ Graduado em História, Pós - graduado em História e Sociedade e Mestrando em História pela PUC- GO. Professor do quadro temporário da UEG UnU de Jussara GO.

³⁶ Texto extraído da obra: SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 3º Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2000, p. 229.

O presente texto tem por objetivo apresentar um ensaio sobre a contribuição da teoria da história de Johann Gustav Droysen no desenvolvimento da teoria da história de Jörn Rüsen³⁷. Sendo assim, temos em mente que apresentar o pensamento de um teórico demanda um grande esforço, que em muitos casos não supre ou cumpre toda a sua missão proposta, e isso, devido o tempo e as limitações de quem se propõe a fazer tal tarefa. Contudo, adentramos em uma aventura que nos coloca frente a algo de grande importância para o ofício de historiador. Discutir história, teoria da história, Droysen (1808-1884) e o pensamento teórico de Jörn Rüsen (1938 -) torna-se um elemento que move a história em sentido de desvendamento da realidade histórica e, no nosso caso, essa realidade centra nos debates, empates e discussões epistemológicos que alimentam a história enquanto disciplina acadêmica e a teoria da história como elemento teórico, epistemológico e metódico.

Tomando o princípio que a teoria da história não é um “livro de receitas” (RÜSEN, 2007, p. 13) partimos da perspectiva que a nossa discussão é apenas uma interpretação acerca da influencia de Droysen sobre o pensamento de Rüsen. Logo, a teoria da história não pode se isolar, ela tem a função de ampliar os horizontes da reflexão histórica de modo a possibilitar a articulação da pesquisa com a vida cotidiana do indivíduo histórico no contexto existencial.

É aí que a teoria da história tem sua principal função, e a mais sutil: ao contrário de ser um cercado no qual os historiadores se protegem, ela exige uma atividade reflexiva de tal natureza que a impele a se posicionar contra a especialização excessiva – e, no Brasil, cada vez mais precoce! – ao enfatizar a importância da dimensão formativa, orientadora dada através da elucidação de operações e conceitos fundamentais do pensamento histórico (CALDAS, 2008, p. 09)

Como a citação nos apresenta, pensar os aspectos formativos de uma teoria é mergulhar num conjunto de tradições que possibilita perceber as inovações e o conjunto processual do desenvolvimento do conhecimento histórico. É importante pensar que a cultura histórica se estrutura historicamente em uma ação vivencial e temporal. Nisto reside a relação do passado, presente e futuro, enquanto configuração experiencial da construção cognitiva do sujeito pesquisador. Assim, Rüsen compartilha a ideia de

³⁷Grande parte da produção do autor (16 livros, diversos artigos) estudado estão em inglês ou alemão. Nosso trabalho se limita em discutir 4 livros.

Droysen, em darmos maior atenção a nossa tarefa no ofício de historiador e desse modo, a reflexão sobre tal, fator torna-se uma constante.

Segundo Caldas (2008, p. 01) “é notável como o pensamento de Droysen ainda se faz presente de maneira marcante na motivação de Rüsen em requisitar dos historiadores que simplesmente pensem no sentido de sua tarefa”. Frente a isso, é pensarmos o que os historiadores fazem quando fazem história. Tal tarefa é desenvolvida por Jörn Rüsen em *uma teoria da história*³⁸ que não é em absoluta e definitiva. Com isso, nossa discussão desnuda a verdade absoluta ou as leituras deterministas e apresenta uma narrativa que discute ao longo do artigo, elementos que são frutos de entendimentos e interpretações extraídas dos textos lidos e analisados.

Dessa forma, Droysen e Rüsen se aproximam de âmbito teórico, onde lidar com a teoria da história é uma questão de ordem conceitual, metódica e epistêmica, além de ética e estética. Pois, tratar desse problema é “procurar entender teoria histórica como uma narrativa conceitual, que, portanto, atribua sentido à experiência histórica sem, todavia, abdicar da possibilidade de comunicação e interlocução entre as partes” (CALDAS, 2008, p. 02), ou seja, as partes em questão são: “teoria e prática histórica” / “reflexão especulativa e pesquisa” / método e teoria. E com isso, chamamos a atenção para o aprofundamento do historiador no campo da teoria da história.

Logo, é de extrema importância que o historiador no ato produtivo não separe teoria e prática e nesse sentido, a obra

Reconstrução do Passado tem o melhor sabor droyseano, qual seja, o de, ao dissecar a atividade historiográfica, ser capaz de convencer o leitor atento que o historiador, ao pesquisar e escrever, já está dentro do âmbito reflexivo de sua ciência. Temos o péssimo costume de separar teoria e prática histórica, reflexão especulativa e pesquisa, e só lembramos da teoria da história quando somos obrigados a colocar algum item referente à teoria em projetos de pesquisa que será cobrado pela banca avaliadora. (CALDAS, 2008, p. 02)

Como a citação nos apresenta, a aproximação das definições de Droysen e Rüsen residem em chamar a atenção do historiador quanto à necessidade de unir teoria e prática na produção historiográfica. Dessa forma, o projeto de Droysen de compreensão mediante pesquisa se apresenta efetivo e lúcido nos textos de Rüsen. E nesse sentido, tomar a teoria com apêndice vai à contra mão de um trabalho que quer ser e fazer enquanto objetivo e

³⁸Concordando com Assis (2010) temos em Jörn Rüsen uma teoria da história que é discutida ao longo da trilogia produzida por Rüsen nas décadas de 1980. As obras foram traduzidas no Brasil pelo professor Estevão de Rezende Martins UNB respectivamente em 2001, *Razão Histórica*; *Reconstrução do passado*, 2007 e *Historia Viva*, 2007.

coerente. Não negamos que a aplicação da teoria ao longo do processo seja uma tarefa fácil, contudo, o desafio é o alimento do historiador em sua atividade reflexiva. Ou seja, pensar no que se faz, é uma tarefa complexa, entretanto, fundamental para pensar historicamente. Segundo Rüsen *apud* Caldas (2008, p. 02) “tentar escapar da reflexão teórica é como tentar pular a própria sombra”.

Nesse estágio, Jörn Rüsen se faz um herdeiro de Droysen segundo Caldas (2008, p. 03) isso pelo fato:

Primeiro, pela consciência de que a mera reprodução da intenção dos agentes históricos não garante o nível mais profundo de conhecimento histórico, algo que Droysen também constatara em 1857, ao situar a interpretação psicológica depois da interpretação pragmática e das condições, mas uma etapa antes da interpretação das idéias motrizes da história. (CALDAS, 2008, p. 03)

Com efeito, é substancial uma interpretação que perceba as partes, mas não desconsidere o todo no conjunto interpretativo da existência humana. Refletir sobre as ideias motrizes da história é explicar a historicidade humana considerando as contingências e não tomando-as como elementos determinantes para as intencionalidades. No campo da história o conhecimento e o saber teórico se colocam como uma ação que opera as transformações e mudanças recorrendo às narrativas já constituídas. Então a “narrativa precisa, portanto, lidar com o universo de contingências, isto é, com elementos determinantes que não poderiam ser levados em conta pelo agente na expressão de sua própria intencionalidade” (CALDAS, 2008, p. 03).

Na perspectiva de Rüsen não há outra saída para a construção de um saber teórico, se não for recorremos a “historiadores como Burckhardt e Droysen” (CALDAS, 2008, p. 03). E o autor fala isso, devido sua trajetória intelectual onde, segundo Estevão de Rezende Martins (2010, p. 7) fora professor da Universidade de Bielefeld no estado alemão de Renânia do Norte – Vestfália. Nessa universidade, Rüsen sucedeu a cátedra de Reinhardt Koselleck. Antes disso, Rüsen foi professor na Universidade de Bochum, na de Berlim e na de Braunschweig. Durante dez anos (1997 a 2007) ele foi presidente do Instituto de Ciências da Cultura, um dos mais destacados institutos de estudos em Ciências Humanas da Alemanha.

Jörn Rüsen estudou História, Filosofia, Pedagogia e Literatura na Universidade de Colônia onde se doutorou sobre a orientação de Theodor Schieder em 1966 com a “tese sobre a teoria da história de Johann Gustav Droysen, um dos historiadores de maior talento teórico do *Historismus* alemão. [E nisso] a *Historik* de Droysen continuou a

inspirar Rüsen” (WIKLUDN, 2008, p. 21) aqui e acolá em seus textos e reflexões teóricas. Logo, Rüsen, nas suas diversas experiências de estudo, sobre a consciência histórica e análise de diversas matrizes culturais tais como: a “chinesa, sul-africana e islâmica” segundo Martins (2010), retoma um humanismo fundante que se constitui como um denominador comum para todo agente pensante, todo “agente racional humano, pouco importa onde, quando ou como” (MARTINS, 2010, p. 7), ancorando-se nos preceitos dos direitos do homem e do cidadão, Rüsen reflete sobre uma historicidade que nos devia “fazer iguais, livres e solidários”.

Então a teoria da história de Rüsen atualiza fundamentos do pensamento de Johann Gustav Droysen segundo Arthur Assis (2010) e avança no sentido de um aperfeiçoamento racional da cultura histórica não contemplando a ação fria e neutra e sim uma atitude de caráter existencial nos moldes defendidos por Droysen. Os apontamentos de Droysen são importante devido negar uma história friamente racionalista que não percebe as particularidades da cada tempo e espaço no processo histórico. Segundo Caldas (2006, p. 99) “Droysen escapa facilmente da apologia da visão da história como erudição, expressão de leis naturais ou como uma encapsulada história nacional” ele nos apresenta o processo e a transformações como elementos fundamentais para se perceber qual, ou quais fatores da vida, nos fatores étnicos, são capazes de romper o equilíbrio das situações vigorantes de uma época.

Assim, as atribuições de Rüsen apontam um caminho pensado por Droysen onde o historiador não abdica da sua condição humana para construir um trabalho objetivo. O seu: “Lastro idealista não deve servir de obstáculo: se atribuímos forma ao objeto, isto não significa que a mesma não seja reconhecida pelo leitor, não sendo, pois, mera projeção construtiva imaginativa, mas algo como um talhe possível em uma matéria parcialmente resistente” (CALDAS, 2006, p. 100).

Acompanhando a lógica da citação, percebemos a compreensão como uma operação subsidiada pelos aspectos objetivos e subjetivos que lançam um acordo entendido entre a realidade vivida pelos indivíduos no tempo e espaço e a realidade capitada pelo historiador no ato produtivo da historiografia em suportes analíticos e teóricos. Com tal perspectiva, o método não é tudo, pois para Droysen “a cognição do homem apreende apenas o meio, jamais a origem, jamais o fim. O nosso método não

descobre o segredo último da humanidade, tampouco a entrada para o templo” (DROYSEN *apud* CALDAS, 2006, p. 100)

Contudo o método compreensivo em Droysen nos leva a

Consideração que o conhecimento histórico não compreenderá substâncias ocultas no passado, inconscientes aos agentes e viventes de outros períodos mas perfeitamente devassáveis para os historiadores. A compreensão é sempre trágica, sempre insuficiente e parcial, pois ela compreende seu próprio limite ao conhecer o outro. (CALDAS, 2006, p. 102)

O que nos mostra que objetividade e subjetividade caminham juntas com o historiador na produção do conhecimento histórico. Assim, quando discutimos o sentido histórico em Rüsen estamos falando de um legado deixado por Droysen e da sua atualidade no pensamento teórico do próprio Rüsen.

Extremamente crítico quanto aos rumos de sua época, principalmente após os efeitos de 1848, Droysen diagnosticava a crise européia, para ele espelhada em uma cultura sem raízes e sem orientações, sem, todavia, abrir mão da ciência. Rüsen, quase cento e cinquenta anos depois, partirá do mesmo princípio. (CALDAS, 2006, p. 103)

Rüsen defende que a tarefa do historiador seria a de reconstruir eventos e decifrar significados do passado, tornando-o evidentes para o olhar contemporâneo. O trabalho e a tarefa do historiador é o deciframento dos elementos do passado com a perspectiva de percepção dos aspectos do presente. Contudo, “a teoria da história não é uma enciclopédia das ciências históricas, nem uma filosofia (ou teologia) da história, tampouco uma física do mundo histórico, muito menos um poética para a historiografia” (DROYSEN, 2009, p. 42) ela se postula como um *organon* do pensamento e da pesquisa histórica.

Nesse contexto, percebemos em Droysen e Rüsen, a teoria da história com um instrumento para o historiador desenvolver sua prática e pensar seu ofício. Nesse pensamento, apontamos retomamos a problemática apresentada: “o que fazem os historiadores quando fazem historia?”. O problema apontado fora pensado por Droysen e nos possibilita chamar para o debate acerca da história e da teoria da história, as perspectivas do pensamento histórico de Jörn Rüsen, pois o último retoma as também perspectivas do primeiro, isso no sentido de dar ênfase a atualização da tradição da *Historik* de Droysen no ambiente acadêmico.

Porém, não queremos dizer que “a forte inspiração da teoria da história de Rüsen na *Historik* de Droysen não expressa, contudo, um mero saudosismo dos tempos em que a história era, na Alemanha, a ciência humana por excelência” (ASSIS, 2010, p. 10), o

pensamento em que Jörn Rüsen se concentra e se localiza, não está somente nos aspectos metódicos e sistemáticos da ciência histórica, o historiador alemão, destaca a reflexão acerca da prática dos historiadores não em “referenciais teóricos concretos, mas à teoria do conhecimento e da ciência históricas” (ASSIS, 2010, p. 8).

Assim, temos que dar o mérito a originalidade de Droysen, por ter realizado de forma sistemática, a síntese das três perspectivas que definem a sua teoria de história. A saber, as três formas são: “a teoria da historicidade do mundo humano – exposta exemplarmente pela filosofia da história de Hegel -, a teoria do conhecimento histórico e a teoria do método histórico” (ASSIS, 2010, p. 9). Com essa sistematização Droysen buscava realizar em linhas gerais, a delimitação da especificidade do pensamento histórico. Combatendo uma reflexão puramente filosófica, Droysen definia que a historiografia é “o resultado de uma cognição empírica e não especulativa”³⁹. Nesse contexto de discussão temos a história como disciplina acadêmica que busca seu reconhecimento frente aos embates das ciências humanas e ciências naturais.

Outro elemento que deve ser mencionado é que no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX as universidades alemãs passavam por um processo de autonomização da história como disciplina e definir o seu estatuto fora imprescindível para diferenciá-la das orientações empíricas advindas das ciências naturais. Ou seja, a história seguia uma “orientação empírica [divergente] do padrão característicos das chamadas ciências naturais, uma vez que promove o conhecimento do mundo empírico sem recorrer ao procedimento da remissão de fenômenos particulares a leis gerais” (ASSIS, 2010, p. 9). Foram vários os pensadores que investigaram a forma de definir a História (disciplina acadêmica) com um método que delimitasse seu estatuto.

Assim, Droysen inaugura a fórmula: “compreensão mediante pesquisa” (Droysen, 1997, p. 22 *apud* ASSIS, 2010, p. 9). Logo, a compreensão para Droysen, apontava que a abordagem do historiador sobre o mundo empírico difere dos cientistas da natureza por não aceitar um entender e explicar determinista. Assim, é justo que a tarefa do historiador se traduz em lidar com fenômenos humanos de maneira a recusar o determinismo das leis

³⁹Tendo que nosso foco de discussão é a teoria da historia de Rüsen, temos que é necessário apresentar o pensamento histórico de Droysen para justamente localizar a teoria da historia de Rüsen, não descartamos os questionamentos sobre a teoria e atualidade de Droysen se olharmos as mudanças temporais, contudo, a menção as suas colocações nos ajuda a entender algumas das definições de Rüsen e sua tentativa de atualizá-lo.

exatas, reconstruindo e decifrando o passado de modo a ficarem evidentes para o sujeito do presente os aspectos do passado - presente.

Com tal perspectiva, a história se coloca com:

Conceitos mais amplos, sob os quais o espírito humano apreende o mundo dos fenômenos e ele os apreende através das instituições que se lhe apresentam diretamente no espaço e no tempo, quando ele organiza, a seu modo, o movimento incessante dos fenômenos cambiantes, com o objetivo de compreendê-los. (DROYSEN, 2009, p. 35)

A tarefa da interpretação/compreensão se coloca para o historiador, como o carro chefe do fazer histórico, na relação entre objeto e sujeito. A história ganha determinados conteúdos, assim que os critérios de subjetividade avançam no sentido de identificar no presente, elementos que podem ser reconhecidos e pesquisados. Os conteúdos ganham existência quando os conceitos de tempo e espaço os reconhecem na relação do que existiu e do que existe no presente. Tais aspectos nos possibilitam o diálogo com as definições de Jörn Rüsen⁴⁰. Pois, como afirmado acima, Rüsen remota a tradição inaugurada por Droysen na tentativa de desenvolver uma sistematização do pensamento histórico de modo a dar uma perspectiva objetiva e narrativa seguida de uma resposta as transformações ocorridas no século XX em relação à ampliação dos objetos históricos⁴¹ de estudo e a virada linguística⁴², que questiona o estatuto da história devido ele lidar com a narrativa textual como elemento constituinte e representativo de sentido e interpretação do passado - presente.

Logo, temos com a teoria da história de Rüsen, o objetivo de superar,

Uma concepção estreita de objetividade – a qual, confiante nos métodos de pesquisa como meios infalíveis para descortinar as verdades escondidas nas fontes, sempre tende a recalcar o tema da representação histórica – quando oferece uma alternativa à visão radicalmente construtivista e narrativista de historiografia, que não esclarece satisfatoriamente a natureza da relação entre escrita e pesquisa histórica (ASSIS, 2010, p. 14).

Com tal citação, percebemos que Rüsen, apresenta um duplo propósito. De um lado dar maior fundamento a objetividade histórica. Do outro, se esforça por superar as regras da pesquisa empírica no intuito de definir uma produção que venha satisfazer as necessidades de orientação dos agentes históricos que carecessem de orientação temporal

⁴⁰ Ver Assis (2010, p. 10)

⁴¹O estado deixa de ser central nos aspectos da investigação, há uma pluralização das teorias e métodos e estratégias de pesquisa, a história se desloca do político para os fenômenos sociais e culturais.

⁴²Nesse momento há a recepção de autores com Barthes, Paul De Man, White, Derrida e outros, na historia, e com isso o questionamento sobre os aspectos da objetividade da historia.

e cultural. Se olharmos os cinco fatores da matriz disciplinar (RÜSEN, 2001, p. 36-7), perceberemos que há questões da vida prática e questões da pesquisa histórica.

Com isso, temos que se as “carências de orientação no tempo são dirigidas ao pensamento sobre o passado, então são requeridas critérios de sentido. São estes que regulam o trato reflexivo dos homens com o seu mundo e consigo mesmos” (RÜSEN, 2001, p. 31). Ainda segundo o autor, “o agir humano é sempre determinado por significados e é intencional”, logo o agir e sofrer são intenções formadas a partir das representações que os homens fazem sobre a natureza e o mundo social. Assim, a carência de orientação existencial e temporal, torna-se uma constante. Segundo Assis (2010, p. 15) “os homens sempre estão diante de carências existenciais de orientação cultural. Para Rüsen, o pensamento histórico surge precisamente em resposta a essas carências”.

Segundo Rüsen (2001, p. 36) somente quando o passado se constitui como história é que torna-se objeto da teoria da história. Contudo, a teoria tem que estar presente na pesquisa e no trabalho prático do historiador. Pois, as experiências de tempo passado para poderem ser investigadas têm que se aplicar os critérios de investigação metódica, o interesse sobre o passado, as carências de orientação são elementos que exigem uma ação histórica constituinte de sentido.

Na perspectiva de Rüsen (2001), interesses é o ponto de partida para que o pensamento histórico adentre na vida cotidiana. E esse interesse cognitivo sobre o passado é condicionado pelo agir intencional que move o indivíduo na busca de respostas sobre o passado - presente. Logo, os interesses devem ser abordados pela “teoria da história a fim de poder expor, a partir deles, o que significa pensar historicamente e por que se pensa historicamente” (RÜSEN, 2001, p. 30).

Nessa vertente, temos em Rüsen que nem tudo do passado é história. Mas, a partir do momento que há fontes e se produz história, é necessário critérios de objetividade que obedeçam as regras da ciência histórica. Pois, para que a história represente uma resposta aos desafios culturais da existência e exerça uma função orientadora temos uma diferença entre interesse e orientação, embora ambas estejam interligadas. Logo, os cinco fatores (RÜSEN, 2001, p.36-37) da matriz disciplinar podem ser isolados, contudo, isso se dá de modo artificial, pois “todos [estão] simultaneamente presentes em cada produto concreto da historiografia científica” (ASSIS, 2010, p.15).

Dessa forma, a matriz disciplinar se justifica segundo Rüsen como fundamento da ciência da história, ela

Tem ainda a vantagem de uma dinâmica temporal interna. Ela permite esclarecer que, por que e como a história tem de ser reescrita, a cada vez que as condições de vida dos homens a que se refere tenham sofrido mudanças. Ela tampouco deixa a reescrita apareça como uma falha ou fragilidade do caráter científico da ciência da história, garantindo, pelo contrário, que a história como ciência não apenas apreende a evolução temporal dos homens e de seu mundo, tal como se efetua na prática quotidiana dos historiadores e de seu público, como também deles recebe impulsos decisivos (RÜSEN, 2001, p. 37).

Seguindo o apresentado acima, temos a justificativa da matriz disciplinar como a sistematização da construção do pensamento histórico de modo a privilegiar as duas dimensões. Ou seja, a dimensão social e cultural e a dimensão científica da ciência da história. Nisso, temos interesses e funções como os fatores que estão interligados com a orientação existencial e temporal. E as ideias, métodos e formas de apresentação da matriz disciplinar interligadas com a dimensão científica do pesquisar e pensar historicamente.

Dessa maneira, a teoria da história “é necessária para solucionar o problema” do subjetivismo diante da exigência da objetividade do pensamento histórico. Assim, a teoria da história para Rüsen tem função propedêutica, coordenadora, motivadora, organizador, de fundamentação e mediação para a obtenção de competência profissional. Por outro lado, segundo Rüsen (2001, p. 40 a 42) essa competência não é dada de forma que o historiador se abstraia da vida humana concreta, sua capacidade de reflexão tem de auxiliá-lo no aprendizado e no controle da subjetividade para alcançar a objetividade sem perder a subjetividade.

Para ser pleonástico o que apontamos acima, contudo, a consciência histórica não se constrói sem o objetivo de orientação cultural que está contido na perspectiva subjetivista. Pois,

O conhecimento histórico, dotado e sua pretensão de objetividade, poderia funcionar como critério de orientação cultural para a vida prática –sobretudo política: ele [o conhecimento histórico] produz uma perspectiva da futura função da mudança temporal do passado e a identidade coletiva do grupo a que se dirige, enquanto baseada nas forças ativas constitutivas da história humana (RÜSEN, 2010, p. 136).

Como percebemos, o conhecimento histórico tem que estar em sintonia direta com a vida cultural. O historiador na sua competência reflexiva deve obter um conhecimento organizacional, frete a massa documental que ele se encontra. E a teoria da história é no trabalho do historiador o elemento de auxílio, um instrumento de grande importância para

a sua atuação de professor, pesquisador e historiógrafo. E para melhor fundamentá-lo na sua prática é necessário o aparato teórico, epistemológico, metódico, ético e estético como defendia Droysen.

A pretensão de verdade buscada na história remonta a tradição filosófica, onde o que é verdadeiro se qualifica pela verdade objetiva, é o que vem do objeto. Porém, o que não é verdadeiro vem da sua não relação com o objeto, seria a verdade subjetiva e equivalente a falsidade. Sem entrar no debate da filosofia clássica, podemos definir segundo Adam Schaff (2000) que o verdadeiro na ciência histórica está em particular na afirmação da que fazemos sobre o objeto real em conformidade com nosso juízo. Assim, “na ciência da história, afirmamos que o nosso juízo é verdadeiro, queremos dizer com isso que estamos convencidos (e que possuímos igualmente provas científicas em apoio da nossa convicção) da conformidade do nosso juízo com o objeto real” (SCHAFF, 2000, p. 77). Logo, a objetividade torna-se um critério de validade para o pensamento histórico.

Ainda segundo Rüsen (2010, p. 132 e 133) “a verdade sempre foi o compromisso da historiografia”. De acordo com o autor, a objetividade na história “significa uma determinada relação da representação histórica com a experiência do passado”. Temos com isso, um aspecto de extrema importância para o trabalho do historiador. Ele tem que “juntar” o encontrado no arquivo com o seu procedimento metódico para dar sentido e utilidade a ela na realidade presente. A história tem que ser “o mundo real na perspectiva do tempo”.

Em outro autor, temos que para a aproximação da “verdade histórica, dos caminhos precisam ser simultaneamente percorridos. Primeiramente, tem-se a fundamentação crítica, exata e imparcial dos acontecimentos; em segundo momento, há de se articular os resultados da pesquisa e intuir o que não fora alcançado pelo primeiro meio” (HUMBOLDT, 1821 *apud* MARTINS (org.), 2010, p. 84). Só o primeiro caminho perde-se a essência da história e o segundo sozinho não traz a especificidade da história.

Ainda segundo Humboldt, temos que apropriar do material investigado para desenvolvermos a operação do entendimento da realidade passada e trazê-la para o presente. Com isso, a pretensão de “objetividade em sua concepção historicista, enquanto “fusão” entre intelecto investigador e o objeto investigado” (RÜSEN, 2010, p. 136) significa que a pesquisa e a produção histórica têm que se basear na congruência. Tem de haver um equilíbrio das ações do historiador. Com isso a teoria da história é convocada a

dar esclarecimentos e ela passa a ter funções. A partir de Rüsen (2007) temos: a função explicativa, função heurística, função descritiva, função de periodização, função explanatória, função individualizante, função comparativa, função diferenciadora, função crítica e finalmente a função didática.

Na perspectiva de Rüsen (2001, p. 41) a teoria da história torna-se uma serva da prática e tem um significado para a formação histórica. Que é a de orientação cognitiva ao explicitar que o conhecimento histórico obtido e adquirido tecnicamente origina-se das carências de orientação da vida prática. Então, a pesquisa tem de servir a vida para que tenha uma função e nesse momento, a partir de Rüsen, a teoria da história assume uma função didática de orientação temporal tornando-se um aspecto de pretensão de racionalidade e que revisando a própria racionalidade, evita o excesso de cientificidade. Segundo Rüsen (2001, p. 49) os resultados da pesquisa devem ser usados para ter sentido e importância no agir e saber dos indivíduos temporais.

Diante disso, temos a função didática como elemento de formação histórica dos agentes históricos. A formação significa “o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário” (RÜSEN, 2007, p. 94). Orientar o sujeito histórico exige a especialização do trabalho histórico, pois nesse contexto a história entra como um modo complementar do agir e do sofrer dos indivíduos do mundo.

O pensamento histórico desenvolvido por Jörn Rüsen se define pela tarefa fundamental de constituir sentido⁴³. Para o autor a ciência histórica reconstrói a história para o presente. Pois, segundo Rüsen (2001) quando analisamos o passado, perseguimos as ideias dos indivíduos acerca desse passado, com isso, “o passado só se torna história quando” é interpretado. “Além disso, é a apropriação cognitiva do passado, por intermédio das narrativas históricas, que ocasiona a já mencionada despresentificação do passado” (ASSIS, 2010, p. 22). Ainda com Assis, os indivíduos podem se tornar conscientes da continuidade ou ruptura do passado – presente e futuro através da força cultural expressa no pensamento histórico.

Devido ao que propomos nesse texto, deixamos nossas considerações apontando que o historiador a partir do que fora narrado acima é autoridade. Não dá para justificar o

⁴³ Ver Assis, 2010, p. 20 e 21

presente pelo passado lançando juízos que manipulam as fontes. Os ensinamentos dos historiadores têm que estar fundamentados em bibliografias e fontes, mas também em experiências de vida⁴⁴. Usar da heurística, crítica, hermenêutica, filologia, linguística e etc., ou seja, o importante é que tanto o historiador quanto o seu público consigam ter a consciência dos aspectos de relevância e importância da história para e da vida. Sua identificação tem associar tradição, memória e isso incluem cultura, mentalidade, opinião e convicção com o trabalho metódico e de pesquisa.

Dessa forma, os apontamentos de Droysen e Rüsen contribuem de forma significativa para a história (acadêmica) e para a teoria da história. As suas contribuições estão em atribuir importância a história como ciência da orientação na prática historiográfica e ação reflexiva para sentido do sujeito histórico. Tomando os princípios de Reinhart Koselleck temos a partir da expressão de Cícero: “*história magistra vitae*”, ou seja, a história com a vida do passado - presente. O autor ainda nos apresenta que “a história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice (...)” (KOSELLECK, 2006, p. 43). Seguindo esses aspectos, a história enquanto algo de enorme relevância para a vida, para a orientação dos “homens no tempo”.

Entendendo a história como mestra da vida, recusamos os princípios de não identificação entre as gerações⁴⁵, a perda do sentido da história. O professor Rüsen, nos apresenta uma história que traz orientação devido os indivíduos terem interesse nas diferentes experiências de tempo do passado e no tempo passado. A narrativa histórica discutida e proposta por Rüsen, narra à experiência constituindo convencimento devido a sua relevância comunicativa e didático-pedagógica. A partir disso, a história enquanto disciplina ganha lugar e relevância dentro do âmbito das Ciências Humanas e das relações culturais e foge como Droysen sugeriu, de uma ação fria e sem significado. O historiador e a História conhecimento ganham função e importância na produção do conhecimento.

Referências bibliográficas

ASSIS, Arthur. *A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução*. Goiânia-GO: UFG, 2010.

⁴⁴ Falo isso a partir das colocações feitas pelo professor Estevão de Rezende Martins. Conferência de abertura do I Simpósio Regional de História, UEG UnU Jussara-GO em 04.10.2007.

⁴⁵ Falamos isso a partir das colocações do professor Rafael Saddi. Mesa Redonda EREPPEGO, UEG UnU Jussara. 09.06.11.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. *A arquitetura da teoria: o complemento da trilogia de Jörn Rüsen*. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. [sdt.], v. 5, n. 1.

_____. *A atualidade de Johann Gustav Droysen: uma pequena história de seu esquecimento e de suas interpretações*. IN: Locus: revista de história. Juiz de Fora. vol. 12, nº 1, 2006.

DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de teoria da historia*. Petrópolis –RJ: vozes, 2009.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. *Sobre a tarefa do historiador* (1821). Tradução Pedro Spinola Pereira Caldas. IN: História Pensada: teoria e método na historiografia européia do século XIX. Org. Estevão de Rezende Martins. São Paulo: contexto, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto /Puc – Rio, 2006.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UNB, 2001.

_____. *Narratividade e Objetividade nas Ciências Históricas*. IN: Textos Históricos. Brasília: UNB, Vol. 04, nº 01, 1996.

_____. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba – PR: UFPR, 2010.

_____. *Reconstrução do passado*. Brasília: UBN, 2007.

_____. *História Viva: teoria da historia: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília:UNB, 2007.

SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o Nada*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 3º Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

WILKUND, Martin. *Além da racionalidade instrumental: sentido histórico e racionalidade na teoria da história de Jörn Rüsen*. In: História e Historiografia. [Ouro Preto], n. 1, p. 19-44, ago. 2008.